

PROJETO: PRINCESAS AFRICANAS UMA CONTRIBUIÇÃO DA ARTE EDUCAÇÃO

Cláudia Pinto Lehmann

INTRODUÇÃO

Desde o tempo das cavernas, nos indícios mais remotos da nossa civilização, os homens registravam imagens nas paredes. O ato de pintar, de fazer registros gráficos, de expressar ideias através de desenhos, pinturas, esculturas e modelagens, sempre esteve presente na história. Uma das maneiras de entender uma comunidade é através dos seus registros artísticos e de suas manifestações culturais.

Sendo assim, produzir arte é um fato inerente à condição humana e a evolução do ser. Apreciar criticamente o mundo das manifestações artísticas, dialogar com suas linguagens, experimentar possibilidades novas de comunicação e simbolização é compreender a história, o outro e a si mesmo; é se colocar como indivíduo ativo na sociedade. Se reconhecer e se expressar através das Artes é exercer a democracia e o direito de opinião livre.

Os trabalhos de Artes produzidos pelas crianças não são meras ilustrações de um estudo ou de uma história. Não são frutos de um momento de lazer ou descanso de alguma atividade considerada mais cansativa. São resultados de uma elaboração mental, construídas a partir da leitura que os alunos fazem de si mesmos e do mundo.

“A vida adquire sentido para o ser humano à medida que ele organiza o mundo. Por meio das percepções e interpretações, os sistemas externos da realidade são mapeados nos sistemas internos do se, e o cérebro humano vai também se desenvolvendo no contato com essa realidade.” Anamelia Buoro

Contribuir no processo de construção de identidade individual e coletiva, através do estudo da cultura africana no nosso país, de uma forma lúdica e adequada as séries iniciais, resgatando a história, construindo identidades, estimulando a discussão e trabalhando com a diversidade nos seus diferentes âmbitos.

Como chegamos ao projeto

Baseio minha prática pedagógica partindo do princípio da construção de identidade e do saber no qual eu só entendo o mundo a partir de mim mesmo. Sendo assim, um conhecimento só vai ter significado se contribuir para transformação do sujeito, como nos disse Paulo Freire com tanta propriedade.

Hoje avalio um pouco da minha caminhada enquanto educadora para entender esse ensinamento e começar a pô-lo em prática. Talvez, de uma maneira muito simples e direta, ofereço aos meus alunos um pouco da história das minhas aprendizagens e do meu percurso na Arte Educação. Gosto de compartilhar biografias e trajetórias de vida. Para esse relato, escolhi dois artistas brasileiros renomados e bastante conhecidos: Tarsila do Amaral e Cândido Portinari . Selecionei fotos e uma obra de cada um. Os dois estudaram na Europa, aprenderam novas concepções de composição de imagens e técnicas diferentes no manejo dos materiais. Porém, não se limitaram a reproduzir fielmente os ensinamentos aprendidos. A temática e o imaginário individual de cada um se mantiveram diretamente relacionados às suas vivências e concepções de mundo. Também desenvolveram linguagens características.



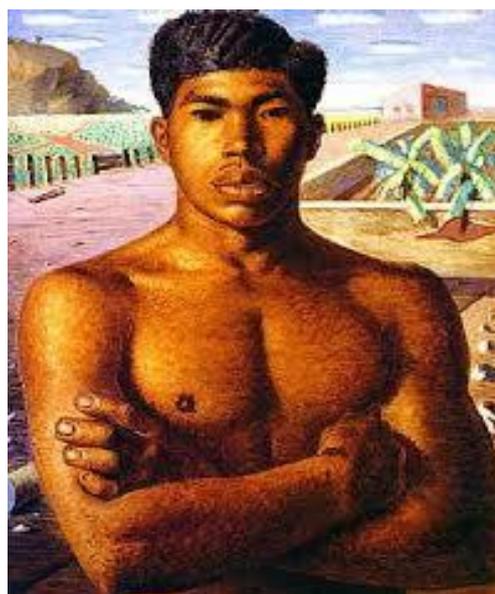
Tarsila do Amaral



Morro da Favela, 1924



Cândido Portinari



Mestiço, 1934

Quando começo cada ano letivo na nossa escola, observo muito o conhecimento e as vivências prévias dos nossos alunos. Normalmente, eles chegam à Escola com alguns estereótipos formados e alguns esquemas estabelecidos. Sendo assim, quando uma criança desenha uma árvore, por exemplo, normalmente ela representa um tipo genérico de árvore. Quando representa uma figura humana, o faz com os padrões de beleza estabelecidos pela mídia. Não os desconsidero. Procuro contribuir para uma transformação crítica do que já sabem. Através da contação de histórias, da leitura de imagens, de vivências corporais e da observação da realidade, provooco reflexões, ações práticas e debate de ideias.

Levando em consideração todo esse trabalho prévio, proponho a construção de autorretratos. Trabalho questões culturais, estéticas, de gênero, de sexualidade, de raça, de pertencimento, entre outras coisas. O resultado tem sido surpreendente. Os alunos se arriscam mais nos sentimentos, pesquisam cores de pele, experimentam possibilidades novas na representação.

Projeto Princesas Africanas

Há algum tempo trabalho com a cultura africana nas aulas de Artes Plásticas, contando histórias sobre a temática, mostrando vídeos (A Cor da Cultura) e produzindo material simbólico. Essa abordagem fomenta uma participação muito grande dos alunos e de seus familiares. Os primeiros fazem perguntas muito

variadas sobre o assunto, levam questionamentos aos seus responsáveis, relatam depoimentos e os trazem à Escola para mostrar o que estamos pensando e produzindo.

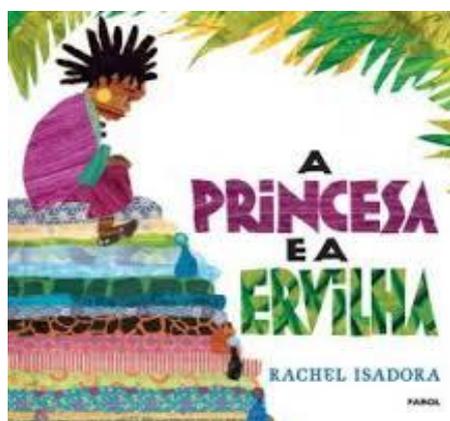
Esse projeto específico surgiu em 2012, com a história da princesa e a ervilha, realizado com as turmas de A20(s) e B10(s) da minha Escola. Os alunos levantaram indagações variadas sobre história, escravidão, indumentária, valores estéticos e ancestralidade. Fizemos painéis de princesas africanas para exposição do resultado final da nossa pesquisa (com desenho, pintura e colagem de tecidos).

Em 2013, nossa biblioteca recebeu a autora Maíra Suertgaray na Feira do Livro da Escola (Projeto Adote um Escritor). Trabalhei o livro Dandara e a Princesa Perdida enfocando, entre outras coisas, escravidão, perda de identidade e resgate da identidade perdida. Produzimos cartazes da princesa perdida relatada no livro, estudamos arte têxtil das vestimentas africanas e confeccionamos dois vestidos de sucatas onde as meninas puderam colocar seus rostos e tirar fotos.

Recurso principal

Contação das histórias:

- Dandara e a princesa perdida, Maíra Suertgaray;
- A princesa e a ervilha, Rachel Isadora, Ed Farol, DLL.



ALGUNS REGISTROS

DESENHOS



VESTIDOS INTERATIVOS





REFLEXÕES FINAIS

Os projetos de contação de história com a temática africana têm mostrado resultados muito positivos ao longo dos anos. Os alunos passaram a se envolver com entusiasmo no processo de criação artística, o que não acontecia antes com outras abordagens. Começaram a pesquisar o nome das cores e os tons de pele, assim como novas possibilidades de representação da figura. A qualidade e a naturalidade dos autorretratos também avançaram. Eles se posicionam com naturalidade, perguntam sobre todos os aspectos observados na narrativa, fazem associações e reflexões. As famílias nos procuram para contar histórias pessoais, relatar os comentários dos alunos em casa e apoiar o trabalho desenvolvido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUORO, Anamélia Bueno. O olhar em construção. São Paulo: Cortez, 2013
FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983.
ISADORO, Rachel. A princesa e a ervilha. Ed Farol, 2011.

OSTROWER, Fayga Perla. Universos da Arte. Rio de Janeiro: Campos, 1991.

OSTROWER, Fayga Perla. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1987.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. Coleção: A arte de olhar. São Paulo: Scipione, 2003.

SUERTGARAY, Maíra. Dandara e a princesa perdida. Porto Alegre: Compasso.